

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

MARÇO DE 1860

Nº 3

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 30 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Lida e aprovada a ata da sessão de 20 de janeiro.

Recebimento de um pedido de admissão. Adiados sua leitura, exame e parecer para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Hinderson Mackenzie, de Londres, membro da Sociedade Real dos Antiquários, dando detalhes do mais alto interesse sobre o emprego dos globos de cristal ou metálicos como meio de obter comunicações espíritas. É o que usa, com o auxílio de um médium vidente especial, conforme conselho de um de seus amigos que, há trinta e cinco anos, faz as mais completas e concludentes experiências. O médium vê, nessa espécie de espelho, as respostas escritas às perguntas propostas, assim obtendo comunicações muito desenvolvidas e tão rápidas que muitas vezes é difícil acompanhar o médium.

2º Leitura de um artigo do *Siècle*, de 22 de janeiro de 1860, em que se nota a seguinte passagem: “As mesas falavam, giravam e dançavam muito tempo antes da existência da seita americana que pretende ter-lhes dado origem. Esse baile de mesas já era célebre em Roma, nos primeiros séculos de nossa era, e eis como, no capítulo XXIII da *Apologética*, exprimia-se Tertuliano, ao falar dos médiuns de seu tempo: “Se é dado aos mágicos o poder de fazer com que os fantasmas apareçam, de evocar a alma dos mortos, de forçar a boca das crianças a dar oráculos; se esses charlatães imitam um grande número de milagres, que parecem devidos aos círculos e às correntes que as pessoas formam entre si; se induzem sonhos, se fazem conjurações, se têm às suas ordens Espíritos mentirosos e demônios, pela virtude dos quais *as cadeiras e as mesas que profetizam são um fato vulgar, etc.*”

Observa-se, a esse respeito, que os espíritas modernos jamais pretenderam ter descoberto ou inventado as manifestações. Ao contrário, têm constantemente proclamado a ancianidade e a universalidade dos fenômenos espíritas, e a própria ancianidade é um argumento em favor da doutrina, demonstrando que ela tem o seu princípio na Natureza e que não resulta de uma combinação sistemática. Os que pretendem opor-lhe tal circunstância, provam que falam sem conhecer-lhe os princípios, pois de outro modo saberiam que o Espiritismo moderno se apóia no fato incontestável de que se encontra em todos os tempos e entre todos os povos.

Estudos:

1º Perguntas sobre o fenômeno dos globos metálicos ou de cristal, como meio de obter comunicações. É respondido que: “A teoria desse fenômeno não pode ainda ser explicada; para sua compreensão faltam certos conhecimentos prévios, que nascerão deles mesmos e decorrerão de observações ulteriores. Ela será dada em tempo oportuno.”

2º Nova evocação de Urbain Grandier, que confirma e completa certos fatos históricos e dá, além disso, sobre o planeta Saturno, explicações que apóiam o que a esse respeito já foi dito.

3º Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, de Abelardo, pelo Sr. Roze; o segundo, de João, o Batista, pelo Sr. Colin.

Em seguida, tendo-se pedido a um dos Espíritos sofredores, que havia solicitado o auxílio de preces, para vir comunicar-se espontaneamente, um dos médiuns escreveu o que se segue: “Sede abençoados por terdes consentido em orar pelo ser imundo e inútil que chamastes e que se mostrou ainda tão vergonhosamente ligado às suas riquezas miseráveis. Recebei os sinceros agradecimentos do *Père Crépin*.”

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 1860 – Sessão particular

A ata da sessão de 27 de janeiro é aprovada. Leitura da lista nominal dos ouvintes que assistiram à última assembléia geral. Nenhum inconveniente assinalado em sua presença.

O Sr. Dr. Gotti, diretor do Instituto Homeopático de Gênova (Piemonte), é admitido como membro correspondente.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. Adiados para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Allan Kardec anuncia que uma senhora, assinante da província, acaba de enviar-lhe uma soma de *dez mil francos*, para ser usada em favor do Espiritismo.

Tendo essa senhora recebido uma herança, com a qual não contava, quer que dela participe a Doutrina Espírita, à qual deve supremas consolações e o ser esclarecida sobre as verdadeiras

condições de felicidade, nesta e na outra vida. “Vós me fizestes – diz ela em sua carta – compreender o Espiritismo, mostrando-me o seu verdadeiro objetivo; somente ele pôde vencer as dúvidas e incertezas que, para mim, eram fonte de inexprimíveis ansiedades. Eu marchava na vida ao acaso, maldizendo as pedras que encontrava no caminho. Agora vejo claro à minha volta; diante de mim o horizonte se expandiu e caminho com certeza e confiança no futuro, sem me inquietar com os espinhos semeados na estrada. Desejo que este singelo óbolo vos ajude a espalhar sobre os outros a luz benfazeja que me tornou tão feliz. Empregai-o como entenderdes: não quero recibo nem controle. A única coisa que faço questão é do mais estrito incógnito”.

Respeitarei – acrescenta Allan Kardec – o véu da modéstia com o qual essa senhora se quer cobrir e esforçar-me-ei por corresponder às suas generosas intenções. Creio não poder melhor atendê-la senão aplicando essa quantia naquilo que for necessário para a instalação da Sociedade, em condições mais favoráveis para os seus trabalhos.

Um membro exprime o pesar de que o anonimato, guardado por essa senhora, não permita à Sociedade testemunhar-lhe diretamente a sua gratidão.

Responde o Sr. Allan Kardec que, não tendo o donativo nenhuma destinação especial senão o Espiritismo em geral, ele se encarregou de sua guarda em nome de todos os partidários sérios do Espiritismo. Insiste na qualificação de *partidários sérios*, tendo em vista que não se pode aplicar esse nome aos que, vindo no Espiritismo apenas uma questão de fenômenos e de experiências, não lhe podem compreender as elevadas conseqüências morais e, o que é pior, dele se aproveitam ou fazem que outros o aproveitem.

2º O presidente depositou na secretária uma carta lacrada, enviada pelo Dr. Vignal, membro titular, que só deverá ser aberta no fim de março próximo.

3º O Sr. Netz envia um número da *Illustration*, contendo o relato de uma aparição. O fato será objeto de exame especial.

Estudos:

1º Observações a propósito dos efeitos de visões em certos corpos, tais como vidros, globos de cristal, bolas metálicas, etc., de que se tratou na última sessão. O Sr. Allan Kardec pensa ser necessário que se descarte cuidadosamente o nome de *espelhos mágicos*, dado vulgarmente a esses objetos. Propõe chamá-los *espelhos psíquicos*. Na opinião de vários membros, julga a assembléia que a designação de *espelhos psicográficos* corresponderia melhor à natureza do fenômeno.

2º Evocação do Dr. Vignal, que se ofereceu para um estudo sobre o estado do Espírito das pessoas vivas. Responde com perfeita lucidez às questões que lhe são dirigidas. Dois outros Espíritos, o de Castelnauary e o do Dr. Cauvière comunicam-se ao mesmo tempo por um outro médium, daí resultando uma troca de observações muito instrutivas. Os médicos terminam cada um por um ditado, que traz a marca das altas capacidades que lhes são conhecidas. (Publicado mais adiante).

3º São obtidos dois outros ditados espontâneos: o primeiro, de São Francisco de Sales, pela Sra. Mallet; o segundo, pelo Sr. Colín, assinado Moisés, Platão e, depois, Juliano.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1860 – Sessão geral

Lida e aprovada a ata de 3 de fevereiro.

Carta com pedido de admissão – Decisão adiada para a próxima sessão particular.

Leitura das comunicações recebidas na última sessão.

Comunicações diversas – O Sr. Soive transmite a nota seguinte, indagando se não seria útil que se fizesse uma evocação a respeito: “Um tal Sr. T..., de trinta e cinco anos, residente no Boulevard de l’Hôpital, era perseguido por uma idéia fixa, a de involuntariamente ter matado um de seus amigos numa rixa. Malgrado tudo que se tinha feito para o dissuadir, mostrando-lhe o amigo vivo, ele julgava estar diante de sua sombra. Atormentado pelo remorso de um crime imaginário, asfixiou-se.”

A evocação do Sr. T... será feita, caso haja tempo.

Estudos:

1º Cinco ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, pelo Sr. Roze, assinado por Lamennais; o segundo, pela Srta. Eugénie, assinado por Stäel; o terceiro, pelo Sr. Colin, assinado por Fourier; o quarto, pela Srta. Huet, de um Espírito que, diz ele, dar-se-á a conhecer mais tarde e anuncia uma série de comunicações; a quinta, pelo Sr. Didier Filho, assinada por Charlet.

2º Após a leitura do ditado de Fourier, o presidente observa, para a compreensão das pessoas estranhas à Sociedade e que podem não estar a par da sua maneira de proceder, que essa comunicação lhe parece, à primeira vista, susceptível de alguns comentários; que, entre os Espíritos que se manifestam, os há de todos os graus; que suas comunicações são o reflexo de suas idéias pessoais, nem sempre perfeitamente justas; a Sociedade, conforme o conselho que lhe foi dado, as recebe como expressão de uma opinião individual e se reserva o direito de julgá-las, submetendo-as ao controle da lógica e da razão. É essencial que se saiba muito bem que ela não adota como verdadeiro tudo quanto vem dos Espíritos; por suas comunicações o Espírito dá a conhecer o que ele é em bem ou em mal, em ciência ou em ignorância. São para ela assuntos de estudo; aceita o que é bom e rejeita o que é mau.

3º Evocação da Srta. Indermuhle, de Berna, surdamente de nascimento, de trinta e dois anos, viva. Essa comunicação oferece um grande interesse, do ponto de vista moral e científico, pela sagacidade e precisão das respostas, que nela denotam um Espírito já adiantado.

4º Evocação do Sr. T..., do qual falamos atrás. Dá sinais de grande agitação e quebra vários lápis antes de poder traçar algumas linhas quase ilegíveis. A perturbação de suas idéias é evidente; inicialmente persiste na crença de que matou seu amigo, acabando por convencer-se de que era apenas uma idéia fixa; mas acrescenta que, se não o matou, tinha vontade de fazê-lo, não o fazendo simplesmente por lhe ter faltado coragem. – São Luís dá algumas explicações sobre a situação desse Espírito e as conseqüências de seu suicídio.

Essa evocação será repetida mais tarde, quando o Espírito estiver mais desprendido.

Sexta-feira, 17 de fevereiro de 1860 – Sessão particular

Lida e aprovada a ata da sessão de 10 de fevereiro.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito e parecer favorável: Sra. Regnez, de Paris; Sr. Indermuhle de Wytenbach, de Berna; Sra. Lubrat, de Paris.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. – Adiados para a próxima sessão particular.

O Sr. Allan Kardec transmite à Sociedade as seguintes observações, a respeito do donativo feito:

Diz ele: “Se a doadora não reclama, no que lhe concerne, nenhuma conta do emprego dos fundos, não devo, para minha própria satisfação, permitir que seu emprego não seja

submetido a um controle. Essa soma formará o primeiro fundo de uma *Caixa Especial*, que nada terá de comum com meus negócios pessoais, e que será objeto de uma contabilidade distinta, sob o nome de *Caixa do Espiritismo*.

“Essa caixa será aumentada posteriormente pelos fundos que poderão chegar-lhe de outras fontes e destinada exclusivamente às necessidades da doutrina e ao desenvolvimento dos estudos espíritas.

“Um de meus primeiros cuidados será a criação de uma *biblioteca especial*, e, como já disse, prover a Sociedade daquilo que lhe falta materialmente, para a regularidade de seus trabalhos.

“Pedi a vários colegas que aceitassem o controle dessa caixa e constatassem, em datas que serão ulteriormente determinadas, o emprego útil dos fundos.

“Esta comissão está composta pelos Srs. Solichon, Thiry, Levent, Mialhe, Krafzoff e Sra. Parisse.”

Leitura das comunicações recebidas na última sessão.

Em seguida a Sociedade ocupou-se do exame de várias questões administrativas.

Os Pré-Adamitas¹¹

Uma carta que recebemos contém a seguinte passagem:

“Devo convir que o ensino que vos foi dado pelos Espíritos repousa sobre uma moral absolutamente conforme à do Cristo e, mesmo, muito mais desenvolvida do que a existente no Evangelho, porque mostrais a aplicação daquilo que, com muita freqüência, ali só se acha em preceitos gerais. Quanto à questão da

11 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

existência dos Espíritos e de suas relações com os homens, para mim não é objeto de qualquer dúvida. Eu estaria convencido apenas pelo testemunho dos Pais da Igreja, se não tivesse a prova da minha própria experiência. Não levanto, portanto, nenhuma objeção a esse respeito. Já não se dá o mesmo com certos pontos de sua doutrina, que são evidentemente contrários ao testemunho das *Escrituras*. Limitar-me-ei, por hoje, a uma só questão, a relativa ao primeiro homem. Dizeis que Adão não é o primeiro nem o único que tenha povoado a Terra. Se assim fosse, fora preciso admitir que a Bíblia estaria em erro, pois o ponto de partida seria controvertido. Vede, por um instante, a que conseqüências isto nos conduz! Confesso que esse pensamento lançou alguma confusão em minhas idéias. Como, porém, antes de tudo sou pela verdade, e a fé nada pode ganhar se construída sobre um erro, peço-vos a gentileza de dar alguns esclarecimentos a respeito, se vossas horas vagas o permitirem. Ser-vos-ei muito reconhecido se puderdes tranqüilizar a minha consciência.”

Resposta

A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como tronco único da Humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas tiveram de modificar-se.

Em certa época o movimento da Terra pareceu de tal modo em oposição ao texto das *Escrituras*, que não houve formas de perseguições a que esta teoria não tenha servido de pretexto e, contudo, vê-se que Josué, parando o Sol, não pôde impedir que a Terra girasse. Ela gira apesar dos anátemas, e ninguém hoje o contestaria sem atentar contra a própria razão.

Diz igualmente a Bíblia que o mundo foi criado em seis dias, fixando a data em cerca de 4000 anos antes da era cristã. Antes disso a Terra não existia, havendo sido tirada do nada. O texto é formal. E eis que a ciência positiva, inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está escrita em caracteres

imprescritíveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da Criação representam outros tantos períodos, talvez de várias centenas de milhares de anos. Não se trata de um sistema, de uma doutrina, de uma opinião isolada, mas de um fato tão constante quanto o movimento da Terra, que a Teologia não pode deixar de admitir. Assim, não é senão nas pequenas escolas que se ensina que o mundo foi feito em seis vezes vinte e quatro horas, prova evidente de erro no qual se pode cair, tomando ao pé da letra as expressões de uma linguagem muitas vezes figurada. A autoridade da Bíblia teria sido atingida aos olhos dos teólogos? Absolutamente. Eles se renderam à evidência e concluíram que o texto podia comportar outra interpretação.

Revistando os arquivos da Terra, a ciência reconheceu a ordem na qual os diferentes seres vivos apareceram em sua superfície. A observação não deixa nenhuma dúvida quanto às espécies orgânicas pertencentes a cada período, e esta ordem está de acordo com o que é indicado no Gênesis, com a diferença de que esta obra, em vez de ter saído miraculosamente das mãos de Deus em algumas horas, realizou-se, sempre por sua vontade, mas conforme as leis das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Deus, por isso, será menor e menos poderoso? Sua obra será menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente, não. Seria preciso fazer da Divindade uma idéia muito mesquinha para não reconhecer sua onipotência nas leis eternas por ela estabelecidas para reger os mundos.

Assim como Moisés, a Ciência coloca o homem na última ordem da criação dos seres vivos; mas Moisés coloca o dilúvio universal no ano 1654 do mundo, enquanto a geologia nos mostra esse grande cataclismo anteriormente ao aparecimento do homem, considerando-se que, até aquele dia, não se encontra nas camadas primitivas nenhum traço de sua presença, nem de animais da mesma categoria, do ponto de vista físico. Mas nada prova que isto seja impossível. Várias descobertas já lançaram dúvidas a

respeito. É possível, então, que de um momento para outro se adquira a certeza dessa anterioridade da raça humana. Resta ver se o cataclismo geológico, cujos traços estão por toda a Terra, é o mesmo que o dilúvio de Noé. Ora, a lei de duração da formação das camadas fósseis não permite confundi-los, remontando o primeiro, talvez, a cem mil anos. No momento em que forem encontrados traços da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem, ou que sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis. Os teólogos deverão, assim, aceitar o fato, como aceitaram o movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

É verdade que a existência do homem antes do dilúvio geológico ainda é hipotética, mas isto é de somenos importância. Admitindo que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4000 anos antes do Cristo, se 1650 anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção de um só, conclui-se que o povoamento da Terra não pode datar senão de Noé, isto é, de 2350 anos antes de nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no século dezoito a.C., já encontraram este país bastante povoado e com uma civilização muito adiantada.

Prova a História que, nessa época, as Índias e outras regiões eram igualmente florescentes. Seria preciso, então, que do décimo quarto ao décimo oitavo séculos, ou seja, no espaço de 600 anos, não só a posteridade de um só homem tivesse conseguido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que contraria todas as leis antropológicas. Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se a anterioridade do homem, o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial, confundida com o cataclismo geológico, e Adão, que viveu há 6000 anos, como tendo povoado uma região desabitada. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos. Eis

por que julgamos prudente não tomar posição em falso contra doutrinas que, cedo ou tarde, como tantas outras, podem revelar a falta de razão dos que as combatem. Longe de perder, as idéias religiosas se engrandecem ao caminharem com a Ciência. É o meio de não dar margem ao cepticismo, mostrando-lhe o lado vulnerável.

Em que se teria tornado a religião, caso se obstinasse contra a evidência e persistisse em anatematizar os que não aceitassem as letras das Escrituras? Disso resultaria que não se pode ser católico sem crer no movimento do Sol, nos seis dias da criação e nos 6000 anos de existência da Terra. Calcule-se o que restaria hoje de católicos. Proscriveis também os que não tomam ao pé da letra a alegoria da árvore e seu fruto, da costela de Adão, da serpente, etc.? A religião será sempre forte quando marchar de acordo com a Ciência, porque estará ligada à parte esclarecida da população. É o único meio de desmentir o preconceito que a faz ser considerada, por gente superficial, como antagonista do progresso. Se a religião jamais repelisse a evidência dos fatos, não se afastaria dos homens sérios nem provocaria cismas, porquanto nada poderia prevalecer contra a evidência. Assim, a alta teologia, que conta homens eminentes pelo saber, sobre muitos pontos controvertidos admite uma interpretação conforme à sã razão. Apenas é lamentável que reserve suas interpretações aos privilegiados e continue a ensinar ao pé da letra nas escolas. Daí resulta que a letra, aceita inicialmente pelas crianças, é mais tarde rejeitada por elas quando chega a idade da razão. Nada tendo em compensação, tudo repelem, aumentando o número dos incrédulos absolutos. Ao contrário, daí às crianças apenas o que a razão possa admitir mais tarde; desenvolvendo-se a razão, as crianças serão fortificadas nos princípios que lhes tiverem sido inculcados. Assim falando, cremos servir aos verdadeiros interesses da religião; ela será sempre respeitada quando for mostrada conforme a realidade e quando não a fizerem consistir em alegorias, cuja realidade o bom-senso não pode admitir.

Um Médium Curador

Senhorita Désirée Godu, de Hennebon (Morbihan)

Pedimos aos nossos leitores que se reportem ao artigo do mês passado sobre os *médiuns spéciaux*; melhor compreenderão os ensinamentos que vamos dar sobre a Srta. Désirée Godu, cuja faculdade oferece um caráter da mais notável especialidade. Há cerca de oito anos, ela passou sucessivamente por todas as fases da mediunidade; a princípio, médium de efeitos físicos muito poderosa, tornou-se, sucessivamente, médium vidente, audiente, falante, escrevente e, finalmente, todas as suas faculdades se concentraram na cura de doentes, que parece ser a sua missão, missão que desempenha com um devotamento e uma abnegação sem limites. Deixemos falar a testemunha ocular, o Sr. Pierre, professor em Lorient, que nos transmite esses detalhes em resposta às perguntas que lhe dirigimos:

“A Srta. Désirée Godu, jovem de vinte e cinco anos, pertence a uma família muito distinta, respeitável e respeitada de Lorient; seu pai é um antigo militar, cavaleiro da Legião de Honra, e sua mãe, mulher paciente e laboriosa, ajuda a filha o quanto pode em sua penosa, mas sublime missão. Há mais ou menos seis anos que essa família patriarcal dá esmolas de remédios prescritos e, freqüentemente, daquilo que é necessário aos curativos, tanto aos ricos quanto aos pobres que a procuram. Suas relações com os Espíritos começaram no tempo das mesas girantes; então ela residia em Lorient e, durante, meses, não se falava senão das maravilhas operadas pela Srta. Godu com as mesas, sempre complacentes e dóceis sob suas mãos. Era um privilégio ser admitido às sessões de mesa em sua casa e lá não entrava quem quisesse. Simples e modesta, não buscava pôr-se em evidência. Entretanto, como bem podeis imaginar, a maledicência não a poupou.

“O próprio Cristo foi injuriado, embora só fizesse e ensinasse o bem. É de admirar que ainda se encontrem fariseus, quando ainda há homens que em nada crêem? É a sina de todos quantos mostram uma superioridade qualquer serem alvo dos ataques da mediocridade invejosa e ciumenta. Nada lhes custa para derrubar aquele que ergue a cabeça acima do vulgo, nem mesmo o veneno da calúnia; o hipócrita desmascarado jamais perdoa. Mas Deus é justo e quanto mais maltratado for o homem de bem, tanto mais gloriosa será a sua reabilitação e mais humilhante a vergonha de seus inimigos: a posteridade o vingará.

“Aguardando sua verdadeira missão que, conforme se diz, deve começar dentro de dois anos, o Espírito que a guia propôs-lhe a de curar todos os tipos de doenças, o que ela aceitou. Para comunicar-se, ele agora se serve de seus órgãos, muitas vezes à sua revelia, em vez das batidas insípidas das mesas. Quando é o Espírito que fala, o timbre de sua voz já não é o mesmo e os seus lábios não se movem.

“A Srta. Godu recebeu apenas uma instrução comum, mas a parte principal de sua educação não devia ser obra dos homens. Quando consentiu em ser médium curador, o Espírito procedeu metodicamente para a sua instrução, sem que ela não visse outra coisa além de mãos. Uma misteriosa personagem lhe punha sob os olhos livros, gravuras ou desenhos, e lhe explicava todo o funcionamento dos órgãos do corpo humano, as propriedades das plantas, os efeitos da eletricidade, etc. Ela não é sonâmbula; ninguém a adormece. É completamente desperta que penetra os doentes com o olhar. O Espírito lhe indica os remédios, que ela geralmente prepara e aplica, cuidando e pensando as mais repugnantes feridas com a dedicação de uma irmã de caridade. Começaram por lhe dar a composição de certos unguentos que curavam em poucos dias os panarícios e as feridas de pequena gravidade, a fim de lentamente habituá-la a ver, sem muita repulsa,

todas as horrendas e repugnantes misérias que deviam aparecer aos seus olhos, pondo a finura e a delicadeza de seus sentidos às mais rudes provas. Não imaginemos nela encontrar um ser sofredor, doentio e fraco; desfruta do *mens sana in corpore sano* em toda a sua plenitude; longe de cuidar dos doentes por meio de um auxiliar, em tudo ela põe a própria mão, dando conta de tudo, graças à sua robusta constituição. Sabe inspirar aos doentes uma confiança sem limites, acha no coração consolações para todas as dores, tendo à mão remédios para todos os males. É de um caráter naturalmente alegre e jovial. Sua alegria é contagiante como a fé que a anima e atua instantaneamente sobre os doentes. Vi muitos se retirarem com os olhos cheios de lágrimas, doces lágrimas de admiração, de reconhecimento e de alegria. Todas as quintas-feiras, dia de feira, e domingos, das seis horas da manhã até cinco ou seis horas da tarde, a casa não se esvazia. Para ela, trabalhar é orar, e disso se desincumbe com consciência. Antes de ter de tratar os doentes passava dias inteiros confeccionando roupas para os pobres e enxovais para os recém-nascidos, empregando os meios mais engenhosos para que os presentes chegassem ao destino anonimamente, de sorte que a mão esquerda sempre ignorasse o que dava a direita. Possui grande número de certificados autênticos, concedidos por eclesiásticos, autoridades e pessoas notáveis, atestando curas que, em outros tempos, teriam sido consideradas miraculosas.”

Sabemos, por pessoas dignas de fé, que não há o menor exagero no relato que acabamos de transcrever e temos a satisfação de poder assinalar o digno emprego que a Srta. Godu faz da excepcional faculdade de que foi dotada. Esperamos que estes elogios, que temos o prazer de reproduzir no interesse da Humanidade, não alterem sua modéstia, que dobra o valor do bem, e que ela não escute as sugestões do espírito do orgulho. O orgulho é o escolho de um grande número de médiuns e vimos muitos cujas faculdades transcendentais se aniquilaram ou perverteram, desde

que deram ouvidos a este demônio tentador. As melhores intenções não dão garantia contra os embustes e é precisamente contra os bons que dirige as suas baterias, pois se satisfaz em fazê-los sucumbir e mostrar que ele é o mais forte; insinua-se no coração com tanta habilidade que muitas vezes o enche sem que o suspeite. Assim, o orgulho é o último defeito que confessamos a nós mesmos, semelhante a essas moléstias mortais que se tem em estado latente e sobre cuja gravidade o doente se ilude até o último momento. Eis por que é tão difícil erradicá-lo.

A partir do momento que um médium desfrute de uma faculdade, por menos notável que seja, é procurado, elogiado, adulado. Para ele isso é uma terrível pedra de toque, pois acaba se julgando indispensável, se não for essencialmente simples e modesto. Infeliz dele, sobretudo se julgar que somente ele poderá entrar em contato com os Espíritos bons. Custa-lhe reconhecer que foi enganado e, muitas vezes, escreve ou ouve sua própria condenação, sua própria censura, sem acreditar que a ele seja dirigida. Ora, é precisamente essa cegueira que o aprisiona. Os Espíritos enganadores se aproveitam para o fascinar, o dominar, o subjugar cada vez mais, a ponto de lhe fazerem tomar por verdades as coisas mais falsas; é assim que nele se perde o dom precioso, que não havia recebido de Deus senão para se tornar útil aos semelhantes, já que os Espíritos bons sempre se afastam daqueles que preferem escutar os maus. Aquele a quem a Providência destina a ser posto em evidência o será pela força das coisas, e os Espíritos bem saberão tirá-lo da obscuridade, se isso for útil, ao passo que, muitas vezes, quanta decepção para quem é atormentado pela necessidade de fazer falar de si! O que sabemos do caráter da Srta. Godu dá-nos a firme confiança de que ela se encontra acima dessas pequenas fraquezas e, assim, jamais comprometerá, como tantos outros, a nobre missão que recebeu.

Manifestações Físicas Espontâneas

O padeiro de Dieppe

Os fenômenos pelos quais os Espíritos podem manifestar sua presença são de duas naturezas, que se designam pelos nomes de manifestações físicas e manifestações inteligentes. Pelas primeiras, os Espíritos atestam sua ação sobre a matéria; pelas segundas, revelam um pensamento mais ou menos elevado, conforme seu grau de depuração. Uma e outras podem ser espontâneas ou provocadas. São provocadas quando solicitadas pelo desejo e obtidas com o auxílio de pessoas dotadas de uma aptidão especial, isto é, dos médiuns. São espontâneas quando ocorrem naturalmente, sem nenhuma participação da vontade e, muitas vezes, na ausência de qualquer conhecimento e mesmo de qualquer crença espírita. É a esta ordem que pertencem certos fenômenos que não podem ser explicados pelas causas físicas ordinárias. Entretanto, não nos devemos apressar, como já temos dito, em atribuir aos Espíritos tudo quanto é insólito e não se compreende. Nunca insistiríamos demais neste ponto, a fim de nos precavermos contra os efeitos da imaginação e, muitas vezes, do medo. Repetimos: Quando um fenômeno extraordinário se produz, o primeiro pensamento deve ser o de que tenha uma causa natural, por ser a mais freqüente e a mais provável; tais são, sobretudo, os ruídos e mesmo certos movimentos de objetos. O que se precisa fazer, neste caso, é buscar a causa, sendo provável que a encontremos muito simples e muito vulgar.

Dizemos mais: O verdadeiro e, por assim dizer, único sinal de intervenção dos Espíritos é o caráter intencional e inteligente do efeito produzido, quando a impossibilidade de uma intervenção humana esteja perfeitamente demonstrada. Nessas condições, raciocinando conforme o axioma de que todo efeito tem uma causa, e que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, torna-se evidente que, se a causa não estiver nos agentes

ordinários dos efeitos materiais, estará fora desses mesmos agentes; que se a inteligência que age não for humana, é preciso que se encontre fora da Humanidade. Haverá, então, inteligências extra-humanas? Isso parece provável. Se certas coisas não são e não podem ser obra dos homens, devem ser obra de alguém. Ora, se esse alguém não for um homem, parece que, necessariamente, deve estar fora da Humanidade; se não o vemos deve ser invisível. É um raciocínio tão peremptório e de tão fácil compreensão quanto o do Sr. de La Palisse.

Quais são, então, essas inteligências? Anjos ou demônios? E de que modo inteligências invisíveis podem agir sobre a matéria visível? – É o que sabem perfeitamente aqueles que se aprofundaram na ciência espírita, ciência que, como as outras, não é aprendida num piscar de olhos, nem pode ser resumida em algumas linhas. Aos que fazem tal pergunta, diremos apenas isto: *Como o vosso pensamento, que é imaterial, move à vontade o vosso corpo, que é material?* Acreditamos que eles não se embaraçarão na solução deste problema e que, se rejeitarem a explicação dada pelo Espiritismo desse fenômeno tão vulgar, é que têm outra muito mais lógica a opor. Mas até agora não a conhecemos.

Vamos aos fatos que motivaram estas observações. Vários jornais, entre outros o *Opinion Nationale*, de 14 de fevereiro último, e o *Journal de Rouen*, de 12 do mesmo mês, relatam o seguinte fato, conforme o *Vigie de Dieppe*. Eis o artigo do *Journal de Rouen*:

“O *Vigie de Dieppe* publica a seguinte carta, de seu correspondente de Grandes-Ventes. Em nosso número de sexta-feira já assinalamos uma parte dos fatos hoje relatados neste jornal; mas a emoção provocada na comuna por esses extraordinários acontecimentos nos leva a dar novos detalhes, contidos nesta correspondência.

“Hoje sorrimos das histórias mais ou menos fantásticas dos velhos tempos que se foram, não desfrutando os pretensos feiticeiros da atualidade de grande veneração. Não são mais acreditados em Grandes-Ventes que alhures. Contudo, nossos velhos preconceitos ainda têm alguns adeptos entre os aldeões, de modo que a cena verdadeiramente extraordinária, que acabamos de testemunhar, é bem adequada para fortalecer a sua crença supersticiosa.

“Ontem pela manhã, o Sr. Goubert, um dos padeiros da nossa vila, seu pai, que lhe serve de operário, e um jovem aprendiz de dezesseis a dezessete anos, iam começar o trabalho rotineiro, quando perceberam que vários objetos deixavam espontaneamente seu lugar para se lançarem na masseira. Tiveram, assim, que refugar sucessivamente a farinha que trabalhavam, vários pedaços de carvão, dois pesos de tamanhos diversos, um cachimbo e uma vela. Apesar de sua extrema surpresa, continuaram a tarefa e tinham chegado a virar o pão, quando, de repente, uma porção de massa de dois quilos, escapando das mãos do jovem auxiliar, foi lançada a alguns metros de distância. Isto foi o prelúdio e como que a senha da mais estranha desordem. Então eram cerca de nove horas e, até o meio-dia, foi positivamente impossível ficar no forno e no aposento vizinho. Tudo foi posto em grande desordem, derrubado e quebrado. Os pães, atirados no meio da sala com as pranchas que lhes serviam de base, entre restos de toda sorte, foram completamente perdidos. Mais de trinta garrafas repletas de vinho quebraram-se sucessivamente e, enquanto o bolinete da cisterna rodava sozinho com extrema velocidade, as brasas, as pás, os cavaletes e os pesos saltavam no ar e executavam as mais diabólicas evoluções.

“Em torno do meio-dia o tumulto cessou pouco a pouco e, algumas horas depois, quando tudo entrou em ordem e os utensílios repostos em seus lugares, o chefe da casa pôde retomar os trabalhos habituais.

“Este bizarro acontecimento causou ao Sr. Goubert um prejuízo de no mínimo 100 francos.”

A este mesmo relato o *Opinion Nationale* acrescenta as seguintes reflexões:

“Reproduzindo esta história singular, seria uma injúria aos nossos leitores preveni-los contra os fatos sobrenaturais que ela relata. Sabemos perfeitamente não se tratar de uma história do nosso tempo e que poderá escandalizar alguns dos doutos leitores do *Vigie*. No entanto, por mais inverossímil que pareça, não é menos verdadeira e, se necessário, cem pessoas poderão certificar-lhe a exatidão.”

Confessamos não compreender bem as reflexões do jornalista, que parece contradizer-se. Por um lado, diz aos leitores que *se previnam contra os fatos sobrenaturais que a carta relata*, e termina dizendo que “por mais inverossímil que pareça, essa história não é menos verdadeira e, se necessário, cem pessoas poderiam certificar-lhe a exatidão.” De duas, uma: ou é verdadeira, ou é falsa. Se falsa, tudo está dito; mas se é verdadeira, como atesta o *Opinion Nationale*, o fato revela uma coisa muito grave para ser tratada um tanto levemente. Ponhamos de lado a questão dos Espíritos e nela não vejamos senão um fenômeno físico. Não é bastante extraordinária para merecer a atenção de observadores sérios? Que, pois, os sábios se ponham à obra e, perscrutando os arquivos da Ciência, nos dêem uma explicação racional, irrefutável, apontando a razão de todas as circunstâncias. Se não o podem, somos obrigados a admitir que não conhecem todos os segredos da Natureza. E se apenas a ciência espírita dá a solução, é preciso optar entre a teoria que explica e a que nada explica.

Quando fatos desta natureza são relatados, nosso primeiro cuidado, antes mesmo de inquirir da realidade, é o de examinar se são ou não possíveis, conforme o que conhecemos da teoria das manifestações espíritas. Citamos alguns,

demonstrando-lhes a absoluta impossibilidade, notadamente a história que narramos no número de fevereiro de 1859, segundo o *Journal des Débats*, sob o título de *Men amigo Hermann*, à qual certos pontos da Doutrina Espírita poderiam ter dado uma aparência de probabilidade. Sob este ponto de vista, os fenômenos que se passaram com o padeiro dos arredores de Dieppe nada têm de mais extraordinário que muitos outros, perfeitamente verificados, cuja solução completa é dada pela ciência espírita. Aos nossos olhos, portanto, se o fato não fosse verdadeiro, seria possível. Pedimos a um de nossos correspondentes de Dieppe, em quem temos plena confiança, que verificasse a realidade do fato. Eis o que nos responde:

“Hoje posso vos dar todas as informações que desejais, pois me informei em boa fonte. O relato do *Vigie* é a exata verdade; inútil relatar todos os fatos. Parece que vários homens de ciência vieram de muito longe para se darem conta desses fatos extraordinários, que não poderão explicar se não tiverem nenhuma noção da ciência espírita. Quanto aos nossos camponeses, estão confusos. Uns dizem que são feiticeiros; outros, que é porque o cemitério mudou de lugar e sobre o antigo sítio fizeram construções; e os espertalhões, que passam entre os seus por tudo saber, sobretudo se são militares, terminam dizendo: ‘Palavra de honra! Não sei como isso pode acontecer.’ Inútil dizer que não falta quem atribua grande parte de tudo isso ao diabo. Para fazer com que a gente do povo compreenda todos esses fenômenos, seria necessário iniciá-los na verdadeira ciência espírita, único meio de arrancar dentre eles a crença nos feiticeiros e todas as idéias supersticiosas, que ainda por muito tempo representarão o maior obstáculo à sua moralização.”

Terminaremos com uma última observação.

Ouvimos algumas pessoas dizerem que não queriam ocupar-se de Espiritismo, com receio de atrair os Espíritos e provocar manifestações do gênero da que acabamos de relatar.

Não conhecemos o padeiro Goubert, mas cremos poder afirmar que nem ele, nem seu filho, nem seu ajudante jamais se ocuparam com os Espíritos. É mesmo de notar que as manifestações espontâneas se produzem preferencialmente entre pessoas que nenhuma idéia possuem do Espiritismo, prova evidente de que os Espíritos vêm sem ser chamados. Dizemos mais: O conhecimento *esclarecido* dessa ciência é o melhor meio de nos preservarmos dos Espíritos importunos, porque indica a *única* maneira racional de os afastar.

Nosso correspondente está perfeitamente certo ao dizer que o Espiritismo é um remédio contra a superstição. Não será, com efeito, uma idéia supersticiosa, a crença de que esses fenômenos estranhos se devem ao deslocamento do cemitério? A superstição não consiste na crença em um fato, quando é verificado, mas na causa irracional atribuída ao fato. Está, sobretudo, na crença em pretensos meios de adivinhação, no efeito de certas práticas, na virtude dos talismãs, nos dias e horas cabalísticos, etc., coisas cujo absurdo e ridículo o Espiritismo demonstra.

Estudo sobre o Espírito de Pessoas Vivas

O Dr. Vignal

O Dr. Vignal, membro titular da Sociedade, tendo se oferecido para servir a um estudo sobre uma pessoa viva, como ocorreu com o conde de R..., foi evocado na sessão de 3 de fevereiro de 1860.

1. [A São Luís] Podemos evocar o Dr. Vignal?

Resp. — Sem nenhum perigo, pois, para isso, ele está preparado.

2. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Juro em nome de Deus, o que não faria se respondesse por outro.

3. Embora estejais vivo, julgais necessário que a evocação seja feita em nome de Deus?

Resp. – Deus não existe tanto para os vivos quanto para os mortos?

4. Vede-nos tão claramente como quando em pessoa assistíeis às nossas sessões?

Resp. – Mais claramente.

5. Em que lugar estais aqui?

Resp. – Naturalmente no lugar onde minha ação é necessária: à direita e um pouco atrás do médium.

6. Para vir de Souilly até aqui, tivestes consciência do espaço transposto? Vistes o caminho que percorrestes?

Resp. – Não mais que o carro que me trouxe.

7. Poderíamos oferecer-vos uma cadeira?

Resp. – Sois muito bons, mas não estou tão fatigado quanto vós.

8. Como constatais vossa individualidade, aqui presente?

Resp. – Como os outros.

Observação – Ele faz alusão ao que já foi dito em caso semelhante, isto é, que o Espírito constata sua individualidade por meio do perispírito que, para ele, é a representação do seu corpo.

9. Entretanto, seríamos gratos se vós mesmos nos dêsseis a explicação.

Resp. – O que me pedis é uma repetição.

10. Já que não quereis repetir o que foi dito, é porque pensais do mesmo modo?

Resp. – Mas isto está bem claro.

11. Assim, para vós, vosso perispírito é uma espécie de corpo circunscrito e limitado?

Resp. – É evidente. Sem comentários.

12. Podeis ver o vosso corpo adormecido?

Resp. – Não daqui. Vi-o ao deixá-lo; tive vontade de rir.

13. Como se estabelece a relação entre vosso corpo, que está em Souilly, e vosso Espírito, que se encontra aqui?

Resp. – Como já vos disse, por um cordão fluídico.

14. Quereis descrever, o melhor possível, a fim de que possamos compreender a maneira por que vedes a vós mesmo, abstração feita do vosso corpo?

Resp. – É bem fácil; vejo-me como em vigília, ou antes – a comparação é melhor – como a gente se vê em sonho. Tenho meu corpo, mas tenho consciência de que é organizado de outra maneira e mais leve que o outro. Não sinto o peso, a força de atração que me prende à Terra quando acordado. Numa palavra, como vos disse, não estou fatigado.

15. A luz se vos apresenta com a mesma coloração que no estado normal?

Resp. – Não. Ela é acrescida de uma luminosidade inacessível aos vossos sentidos grosseiros. Entretanto, não infrais que a sensação produzida pelas cores sobre o nervo óptico seja diferente para mim: o que é vermelho é vermelho e assim por diante. Apenas os objetos que eu não via em vigília, em razão da obscuridade, são luminosos e perceptíveis para mim. Assim, a obscuridade não existe *absolutamente* para o Espírito, embora ele possa estabelecer uma diferença entre o que para vós é claro e o que não é.

16. Vossa visão é indefinida ou limitada ao objeto ao qual prestais atenção?

Resp. – Nem uma coisa, nem outra. Não sei absolutamente o que ela pode experimentar, como modificações, para o Espírito inteiramente desprendido. Mas, para mim, sei que os objetos materiais são perceptíveis no seu interior; que minha vista os atravessa. Contudo, não poderia ver por toda parte, nem a distância.

17. Poderíeis prestar-vos a uma pequena experiência de prova, não motivada pela curiosidade, mas pelo desejo de nos instruírmos?

Resp. – De modo algum; isto me é expressamente proibido.

18. Era para lerdos a pergunta que acabam de me trazer e respondê-la sem que eu a dissesse.

Resp. – Eu o poderia, mas, repito, isto me é proibido.

19. Como tendes consciência da proibição que vos fizeram?

Resp. – Pela comunicação do pensamento do Espírito que mo proíbe.

20. Pois bem! Eis a pergunta: Podeis ver-vos num espelho?

Resp. – Não. Que vedes num espelho? O reflexo de um objeto material. Não sou material e, portanto, só posso produzir o reflexo auxiliado pela operação que torna tangível o perispírito.

21. Assim, um Espírito que se encontrasse nas condições de um agênera, por exemplo, poderia ver-se num espelho?

Resp. – Certamente.

22. Neste momento, poderíeis julgar da saúde ou da

doença de uma pessoa com tanta segurança quanto o faríeis em vosso estado normal?

Resp. – Com mais segurança.

23. Poderíeis dar uma consulta, se alguém vo-la pedisse?

Resp. – Poderia, mas não desejo fazer concorrência aos sonâmbulos e aos Espíritos benfeitores que os guiam. Quando estiver morto, não direi que não.

24. O estado em que agora vos encontrais é idêntico àquele em que estareis depois de morto?

Resp. – Não. Terei certas percepções muito mais precisas; não esqueçais de que ainda me encontro ligado à matéria.

25. Vosso corpo poderia morrer enquanto estais aqui, sem que o suspeitásseis?

Resp. – Não. Morremos assim todos os dias.

26. Isto se compreende quanto à morte natural, sempre precedida de alguns sintomas. Suponhamos, porém, que alguém vos fira e mate instantaneamente; como o saberíeis?

Resp. – Eu estaria pronto para receber o golpe antes que o braço o desferisse.

27. Que necessidade teria vosso Espírito de retornar ao corpo, desde que nada mais haveria a fazer?

Resp. – É uma lei muito sábia, sem a qual, uma vez saído, muitas vezes poderíamos hesitar tão bem em voltar para ele, que seria um pretexto para suicidar-se... hipocritamente.

28. Suponhamos que vosso Espírito não estivesse aqui, mas em casa, passeando, enquanto o corpo dormisse. Deveríeis ver tudo quanto lá se passasse?

Resp. – Sim.

29. Neste caso, suponhamos que lá se praticasse uma ação má qualquer, por parte de um parente ou de um estranho. Vós o testemunharíeis?

Resp. – Sem dúvida, mas nem *sempre* livre para me opor. Entretanto, isso ocorre com mais freqüência do que imaginais.

30. Qual a impressão que vos daria a visão dessa ação má? Ficaríeis tão afetado quanto se fôsseis testemunha ocular?

Resp. – Algumas vezes mais, algumas vezes menos, conforme as circunstâncias.

31. Experimentaríeis o desejo de vingança?

Resp. – Vingar-me, não; impedi-la, sim.

Observação – Resulta do que acaba de ser dito e, ademais, é a conseqüência do que já sabemos, que o Espírito de uma pessoa que dorme sabe perfeitamente o que se passa à sua volta; aquele que quisesse aproveitar-se do sono para cometer uma ação má em seu prejuízo, engana-se quando crê não ser visto. Nem mesmo deveria contar com o esquecimento que se segue ao despertar, porquanto algumas vezes a pessoa pode guardar uma intuição muito forte para inspirar desconfianças. Os sonhos de pressentimento não passam de uma lembrança mais precisa daquilo que se viu. É ainda uma das conseqüências morais do Espiritismo. Dando a convicção do fenômeno, pode ser um freio para muita gente. Eis um fato que vem em apoio dessa verdade: Certo dia alguém recebeu uma carta sem assinatura e muito descortês. Inutilmente tentou descobrir seu autor. É possível que durante a noite tenha sabido o que desejava saber, porque no dia seguinte, ao despertar, e sem que tivesse sonhado, seu pensamento se dirigiu a alguém de quem não havia suspeitado e, depois de uma verificação, certificou-se de que não se enganara.

32. Voltemos às vossas sensações e percepções. Por onde vedes?

Resp. – Por todo o meu ser.

33. Percebeis os sons? Por onde?

Resp. – É a mesma coisa, pois a percepção é transmitida ao Espírito por seus órgãos imperfeitos. Para vós deve ser claro que ele sinta, quando livre, numerosas percepções que vos escapam.

34. [Batem numa sineta] Ouvis o som perfeitamente?

Resp. – Mais do que vós.

35. Se vos fizessem ouvir música desafinada, experimentaríeis uma sensação semelhante à que sentis em estado de vigília?

Resp. – Não disse que as sensações fossem análogas; há uma diferença. Mas há percepções muito mais completas.

36. Percebeis os odores?

Resp. – Sem dúvida; sempre da mesma maneira.

Observação – Poderíamos dizer, conforme isso, que a matéria que envolve o Espírito é uma espécie de abafador que amortece a acuidade da percepção. Recebendo essa percepção sem intermediário, o Espírito desprendido pode captar nuances que escapam àquele a quem chegam, passando por um meio mais denso que o perispírito. Compreende-se, então, que os Espíritos sofredores possam ter dores que, por não serem físicas, do nosso ponto de vista, não deixam de ser mais pungentes que as dores corporais, e que os Espíritos felizes tenham prazeres dos quais as nossas sensações não nos podem dar uma idéia.

37. Se estivésseis diante de pratos apetitosos, sentiríeis vontade de comer?

Resp. – O desejo seria uma distração.

38. Suponhamos que neste momento, enquanto vosso Espírito está aqui, o corpo tenha fome. Que efeito a visão desses pratos produziria sobre vós?

Resp. – Isto me faria partir para satisfazer a uma necessidade irresistível.

39. Poderíeis fazer com que compreendêssemos o que se passa convosco quando deixais o corpo para vir aqui, ou quando nos deixais para retomar o corpo? Como o percebeis?

Resp. – Isto seria muito difícil. Entro como saio, sem o perceber, ou, melhor dizendo, sem dar-me conta da maneira por que se opera o fenômeno. Contudo, não penseis que o Espírito, ao entrar no corpo, esteja encerrado como num quarto. Ele irradia incessantemente para fora, de tal sorte que se pode dizer que freqüentemente está mais fora do que dentro. Apenas a união é mais íntima e os laços mais apertados.

40. Vedes outros Espíritos?

Resp. – Aqueles que querem que eu veja.

41. Como os vedes?

Resp. – Como a mim mesmo.

42. Vedes alguns à nossa volta?

Resp. – Em multidão.

43. Evocação de Charles Dupont [Espírito de Castelnaudary] – Atendo ao vosso apelo.

44. [Ao mesmo] Estais hoje mais tranqüilo do que da última vez em que vos chamamos?

Resp. – Sim; progrido no bem.

45. Compreendeis agora que vossas penas não durarão sempre?

Resp. – Sim.

46. Entrevedes o fim dos sofrimentos?

Resp. – Não. Para minha punição, Deus não me permite ver o fim.

47. [Ao Sr. Vignal] Vedes o Espírito que acaba de responder?

Resp. – Sim; ele não é agradável de ver.

48. Podeis descrevê-lo?

Resp. – Vejo-o como foi visto, com a diferença de não ter mais sangue nem punhal, revelando sua fisionomia mais tristeza do que a estupidez feroz que apresentou na primeira aparição.

49. Desperto, tendes conhecimento do retrato que foi feito deste Espírito?

Resp. – Sim; além disso, estou informado.

50. Quando vedes um Espírito, como sabeis se seu corpo está morto ou vivo?

Resp. – Pelo seu cordão fluídico.

51. Como julgais o moral deste?

Resp. – Seu moral deve ser bem triste; mas ele melhora.

52. [A Charles Dupont] Ouvis o que se diz de vós. Isto vos deve encorajar a perseverar na via do progresso, em que entraste.

Resp. – Obrigado; é o que procuro fazer.

53. Vedes o Espírito do médico com o qual conversamos?

Resp. – Sim.

54. Como o vedes?

Resp. – Vejo-o com um envoltório menos transparente que o dos outros Espíritos.

55. Como julgais que ele ainda esteja vivo?

Resp. – Os Espíritos comuns não têm forma aparente; este tem a forma humana. Está envolvido por matéria semelhante a uma névoa, reproduzindo sua forma humana terrestre; o Espírito dos mortos não tem mais esse envoltório: dele está desprendido.

56. [Ao Sr. Vignal] Se evocássemos um louco, como o reconheceríeis?

Resp. – Não o reconheceria se sua loucura fosse recente, porquanto nenhuma ação teria sobre o Espírito. Mas se fosse alienado há muito tempo, a matéria poderia ter exercido certa influência sobre ele, produzindo sinais que me serviriam para reconhecê-lo, como em vigília.

57. Poderíeis descrever-nos as causas da loucura?

Resp. – Nada mais é que uma alteração, uma perversão dos órgãos, que não mais recebem as impressões de maneira regular, transmitindo falsas sensações e, por isto mesmo, realizando atos diametralmente opostos à vontade do Espírito.

Observação – Acontece muitas vezes que certas criaturas, cujo Espírito é perfeitamente são, apresentam nos membros e em outras partes do corpo movimentos involuntários e independentes de sua vontade, por exemplo, o que designamos sob o nome de *tiques nervosos*. Compreende-se que essa alteração, se em vez de ocorrer no braço ou nos músculos da face, se desse no cérebro, a emissão das idéias sofreria. A impossibilidade de dirigir ou de dominar esta emissão constitui a loucura.

58. Depois da última resposta do Sr. Vignal, o médium que servia de intérprete a Charles Dupont escreveu espontaneamente: Reconhecem-se esses Espíritos (os dos loucos) por sua chegada entre nós, pois giram em todos os sentidos, sem terem uma idéia firme, nem de Deus, nem das preces. Necessitam de tempo para se firmarem.

Assinado: Cauvière

Como ninguém tivesse pensado em chamar esse Espírito, o Sr. Belliol pergunta se não seria o do Dr. Cauvière, de Marselha, de quem outrora foi aluno. – R. Sim, sou eu, morto há um ano e meio.

Observação – O Sr. Belliol reconhece a assinatura como sendo a do Dr. Cauvière. Mais tarde pôde-se compará-la com uma assinatura original e constatar a perfeita semelhança da escrita e da rubrica.

59. [Ao Sr. Cauvière] A que devemos a honra de vossa visita inesperada?

Resp. – Não é a primeira vez que venho entre vós. Hoje achei uma ocasião favorável para me comunicar e a aproveitei.

60. Vedes vosso confrade Dr. Vignal, que aqui se acha em Espírito?

Resp. – Sim, eu o vejo.

61. Como reconheceis que ele ainda está vivo?

Resp. – Por seu envoltório, menos transparente que o nosso.

62. Esta resposta concorda com as que Charles Dupont acaba de dar, e nos pareceram ultrapassar o alcance de sua inteligência. Fostes vós quem lhas teríeis ditado?

Resp. – Eu podia perfeitamente influenciá-lo, visto estar aqui.

63. Em que estado vos encontrais, como Espírito?

Resp. – Ainda não reencarnei e, embora sendo um Espírito adiantado, estava longe de crer, na Terra, ao que chamais de espiritualismo. É preciso que faça minha educação aqui, onde me acho. Mas a minha inteligência, aperfeiçoada pelo estudo, sobreveio de repente.

64. Se quiserdes, iremos vos fazer uma pergunta preparada pelo Sr. Vignal; e pediremos a gentileza da resposta, cada um de seu lado, com o auxílio de vossos intérpretes particulares. Como encarais agora a diferença entre o Espírito dos animais e o do homem?

Resp. – Não me é muito mais fácil dizê-lo que no estado de vigília. Conforme meu pensamento atual, o Espírito animal dorme, está entorpecido moralmente, ao passo que no homem desperta inicialmente de forma muito penosa. – Resposta do Sr. Cauvière: O Espírito do homem é chamado a um maior aperfeiçoamento que o dos animais; a diferença é sensível, uma vez que, nestes últimos, não existe senão em estado de instinto; mais tarde o instinto pode aperfeiçoar-se.

65. Ele pode aperfeiçoar-se a ponto de tornar-se um Espírito humano?

Resp. – Pode, mas após ter passado por muitas existências animais, quer em nosso planeta, quer em outros.

66. Teríeis a gentileza de ditar-nos, um e outro, cada um por sua vez, uma pequena alocução espontânea, sobre assunto de vossa escolha?

Ditado do Sr. Cauvière

Meus bons amigos, sinto-me tão feliz em poder conversar um pouco convosco, que desejo dar-vos um conselho, não a vós, particularmente, que sois crentes, mas àqueles cuja fé ainda é vacilante, ou que não a têm e a repelem. É verdade que não posso ver aqui todos os meus confrades vivos, que não acreditariam em mim. Entretanto, eu lhes diria que, em vida, repeli altivamente a verdade, embora a sentisse no fundo do coração. A maioria deles faz como eu: por um falso amor-próprio não querem concordar com o que por vezes experimentam. Estão errados, porque a indecisão faz sofrer na Terra, sobretudo no momento de

a deixar. Instruí-vos, pois; sede de boa-fé; em vida sereis mais felizes, assim como no mundo em que me encontro atualmente. Se realmente o quiserdes, virei conversar algumas vezes convosco.

Cauvière

Ditado do Sr. Vignal

Para que serve a Astronomia, e que nos importa o tempo que leva a bala de canhão para percorrer a distância que existe entre a Terra e o Sol? Assim raciocinam pessoas muito honradas, que não vêem nas ciências outros resultados senão a aplicação que pode ser dada à indústria ou ao seu bem-estar. Mas sem a Astronomia, que razão teríeis para adotar o admirável sistema que estamos desenvolvendo, em vez de um outro, da autoria de Espíritos ignorantes ou invejosos?

Se a Terra, como se pensava antigamente, fosse o ponto central do Universo; se os numerosos sóis que povoam o espaço mais não fossem que simples pontos brilhantes fixados numa abóbada de cristal, que razão teríeis para admitir o passado e o futuro do Espírito? A Astronomia, ao contrário, vem demonstrar que a vida planetária, que circula em torno de nosso Sol, reflete-se em redor de todos os que compõem a nebulosa, da qual nosso mundo faz parte; que todos esses planetas são organizados de maneira diferente um dos outros e, que, em consequência, as condições de vida não são as mesmas. Sois então levados a perguntar se Deus cria instantaneamente e para cada corpo, especialmente, o Espírito que o deve animar. Por que razão teria julgado justo criá-lo aqui, e não acolá, na Terra e não em outro mundo, em tal condição e não em outra?

Uma lógica inflexível vos leva, assim, a admitir como expressão da maior verdade a habitabilidade dos mundos, a pré-existência da alma e a reencarnação.

Então a Astronomia é útil, porque vos põe em condições de receber o esboço das sublimes verdades que, para vós, serão desenvolvidas como consequência do progresso que o Espiritismo e a própria Ciência farão. Porque, auxiliada pela indústria, ela é chamada a vos levar à descoberta de muitas outras maravilhas que apenas teríeis podido entrever. Doravante, a Astronomia e a Teologia são irmãs e vão marchar de mãos dadas.

Vignal, por Arago

SENHORITA INDERMUHLE

**Surda-muda de nascença, 32 anos, viva, residente em Berna
(Sessão de 10 de fevereiro de 1860)**

1. [A São Luís] Podemos entrar em comunicação com o Espírito da Srta. Indermuhle?

Resp. – Podeis.

2. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui, e o afirmo em nome de Deus.

3. [A São Luís] Podereis dizer-nos se o Espírito que responde é realmente o da Srta. Indermuhle?

Resp. – Posso afirmar e vo-lo afirmo. Estais mais adiantados e credes que, se fosse um outro que respondesse em seu lugar, isto seria embaraçoso? A afirmação vos prova que ela está aqui. Compete a vós garantir uma boa comunicação, pela natureza e o móvel de vossas perguntas.

3.¹² Sabeis exatamente onde estais neste momento?

Resp. – Perfeitamente. Pensais que eu não tenha sido instruída sobre isso?

4. Como podeis responder aqui, se vosso corpo está na Suíça?

12 N. do T.: Repetido o nº 3 tal como se encontra no original.

Resp. – Porque não é meu corpo que responde. Aliás, como bem o sabeis, ele é absolutamente incapaz de o fazer.

5. Que faz vosso corpo neste momento?

Resp. – Cochila.

6. Está com saúde?

Resp. – Excelente.

Observação – O irmão da Srta. Indermuhle, que se achava presente, confirma que realmente ela goza de boa saúde.

7. Quanto tempo levastes para vir da Suíça até aqui?

Resp. – Um tempo inapreciável para vós.

8. Vistes o caminho que percorrestes?

Resp. – Não.

9. Estais surpresa de vos achar nesta reunião?

Resp. – Minha primeira resposta vos prova que não.

10. Que aconteceria se vosso corpo despertasse, enquanto nos falais aqui?

Resp. – Eu lá estaria.

11. Existe um laço qualquer entre o vosso Espírito, aqui presente, e o corpo, que se encontra na Suíça?

Resp. – Sim; não fora assim, quem me advertiria de que devo voltar a ele?

12. Vede-nos bem distintamente?

Resp. – Sim, perfeitamente.

13. Compreendeis que possais ver-nos, mas que não vos vejamos?

Resp. – Mas, sem dúvida.

14. Ouvís o ruído que faço neste momento, batendo?

Resp. – Aqui não sou surda.

15. Como percebeis, visto que, por comparação, não tendes a lembrança do ruído em estado de vigília?

Resp. – *Eu não nasci ontem.*

Observação – A lembrança da sensação do ruído lhe vem das existências em que ela não era surda. Esta resposta é perfeitamente lógica.

16. Escutaríeis música com prazer?

Resp. – Com tanto mais prazer quanto há muito tempo isto não me acontece. Cantai alguma coisa para mim.

17. Lamentamos não poder fazê-lo agora, e que aqui não haja um instrumento para vos proporcionar este prazer. Mas nos parece que vosso Espírito, desprendendo-se todos os dias durante o sono, deve transportar-se a lugares onde podeis ouvir música.

Resp. – Isto me acontece muito raramente.

18. Como podeis responder-nos em francês, já que sois alemã e não conheceis a nossa língua?

Resp. – O pensamento não tem língua; eu o comunico ao guia do médium, que o traduz na língua que lhe é familiar.

19. Qual é esse guia de que falais?

Resp. – Seu Espírito familiar. É sempre assim que recebeis comunicações de Espíritos estrangeiros, e é desse modo que os Espíritos falam todas as línguas.

Observação – Desta maneira, muitas vezes as respostas não nos chegariam senão de terceira mão. O Espírito interrogado transmite o pensamento ao Espírito familiar, este ao médium e o médium o traduz, seja pela escrita, seja pela palavra. Ora, podendo

o médium ser assistido por Espíritos mais ou menos bons, isto explica como, em muitas outras circunstâncias, o pensamento do Espírito interrogado pode ser alterado. Assim, no começo, São Luís disse que a presença do Espírito evocado nem sempre é suficiente para assegurar a integridade das respostas. Cabe a nós apreciá-las e julgar se são lógicas e se estão em relação com a natureza do Espírito. Aliás, segundo a Srta. Indermuhle, esta trílice feira não ocorreria senão com os Espíritos estrangeiros.

20. Qual a causa da enfermidade que vos afetou?

Resp. – Uma causa voluntária.

21. Por que singularidade todos os vossos irmãos e irmãs, em número de seis, foram acometidos pela mesma enfermidade?

Resp. – Pelas mesmas causas que eu.

22. Assim, foi voluntariamente que todos escolheste esta prova; pensamos que esta reunião na mesma família deve ter ocorrido como uma prova para os pais. É uma boa razão?

Resp. – Ela se aproxima da verdade.

23. Vedes aqui vosso irmão?

Resp. – Que pergunta!

24. Estais contente de vê-lo?

Resp. – Mesma resposta.

Observação – Sabe-se que os Espíritos não gostam de repetir. Nossa linguagem é tão lenta para eles que evitam tudo quanto lhes parece inútil. Eis um ponto que caracteriza os Espíritos sérios; os levianos, zombadores, obsessores e pseudo-sábios geralmente são faladores e prolixos. Como os homens a quem falta base, falam para nada dizer; as palavras substituem os pensamentos e eles julgam impor-se pelas frases redundantes e um estilo pedante.

25. Gostariéis de dizer-lhe alguma coisa?

Resp. — Peço-lhe que receba a expressão dos meus sinceros agradecimentos, pelo bom pensamento que teve de chamar-me aqui, onde felizmente me acho em contato com Espíritos bons, embora veja alguns que não valem muito. Ganhei em instrução e não esquecerei o que lhe devo.

Bibliografia

SIAMORA, A DRUIDESA
OU O ESPIRITUALISMO NO SÉCULO QUINZE¹³

Por Clément de la Chave

As idéias espíritas fervilham em grande número de escritores antigos e modernos e muitos autores contemporâneos ficariam admirados se lhes provássemos, por seus próprios escritos, que são espíritas sem o saberem. Pode, pois, o Espiritismo encontrar argumentos em seus próprios adversários, que parecem ter sido impelidos, mau grado seu, a fornecer-lhe armas. Assim, os autores sacros e profanos apresentam um campo onde não só se deve respigar, mas colher a mancheias. É o que nos propomos fazer algum dia; e então veremos se os críticos julgam acertado mandar aos hospícios aqueles que incensaram e cujo nome, de pleno direito, tem autoridade nas letras, nas artes, nas ciências, na filosofia ou na teologia. O autor do opúsculo que anunciamos não é daqueles que se pode dizer espíritas sem o saberem; ao contrário, é um adepto sério e esclarecido, que se dispôs a resumir as verdades fundamentais da doutrina numa ordem menos árida que a forma didática, e com o atrativo de um romance semi-histórico. Com efeito, aí encontramos o delfim que, mais tarde, foi Luís XI, e algumas personagens de seu tempo, com a descrição dos costumes da época. Siamora, último rebento das antigas druidesas, conservou

¹³Um vol. in-18, preço 2 francos. Vannier, livreiro-editor, rue Notre-Dame-des-Victoires, n.º 52 — 1860.

as tradições do culto dos antepassados, mas esclarecida pelas verdades do Cristianismo. Num artigo da *Revista* do mês de abril de 1858, vimos a que grau haviam chegado os sacerdotes da Gália, no tocante à filosofia espírita. Não há, pois, nenhuma contradição em pôr essas mesmas idéias na boca de sua descendente. Ao contrário, é tornar evidente uma verdade muito pouco conhecida e, sob esse prisma, o autor bem mereceu dos espíritas modernos. Pode-se julgá-los pelas seguintes citações. Edda, jovem noviça, num momento de êxtase, dirigindo-se a Siamora, assim se explica:

“Sob a forma de meu bom anjo, de meu anjo familiar, aparece-me um Espírito. Oferece-se para guiar-me nas penosas visões daqui de baixo. Os homens, diz-me ele, são maus porque desconhecaram sua natureza espiritual; porque rejeitaram esse agente sutil, esse influxo divino que Deus havia espalhado para a sua felicidade na criação, e que os fazia iguais e irmãos. Então os homens curavam porque, fazendo apelo a esse agente sutil da criação, dele retiravam poderoso auxílio.”

.....

“É na hora da morte que cada homem me aparece! Ó tristeza! Ó desgosto! Que desespero amargo! Esses seres perversos deixaram de amar. Siamora, cada homem leva consigo, ao morrer, as virtudes e os vícios. Leve, ou carregada de faltas, sua alma se eleva mais ou menos, pois guardou pouco ou muito do agente sutil, o amor, essa substância de Deus que, conforme as afinidades, atrai para si as substâncias semelhantes e repele as que procedem de um princípio contrário.

“A alma do homem mau fica errante aqui embaixo, a todos insuflando sua essência corrompida. Tem a alegria do mal e o orgulho do vício. Nós a chamamos *demônio*; no céu tem o nome de *irmão transviado*. – Mas de todos os corações piedosos, Siamora, eleva-se um suave vapor e, mau grado seu, a alma-demônio chega

a ser saturada pelo mesmo; ela aí se retempera, despojando-se em parte de sua corrupção... Então começa a perceber a idéia de Deus, o que no estado de alma não podia fazer. Do mesmo modo que a alma leva consigo a imagem exata, embora toda espiritual de seu corpo, assim também a ela se junta esta outra, impregnada de seus vícios e imperfeições, e a alma se adensa e não pode ver.

“Nesse mundo invisível, acima do nosso, Siamora, onde com esforço pouco a pouco me elevo, nuvens brilhantes limitam-me a visão. Milhares de almas, Espíritos celestes, nele entram e saem; como flocos de neve, abaixados, elevados, dispersos, correm arrastados pelo ímpeto caprichoso dos ventos. Em sua essência espiritual, descem até nós os anjos, dizendo a uns palavras de paz, insinuando no coração de outros a crença divina; inspirando a este a busca da ciência, insuflando naquele o instinto do bem e do belo; porque foi tocado pelo dedo de Deus, aquele que, em sua arte, a esta levou o gosto das nobres e grandes coisas. Todo homem tem a sua Egéria, o seu conselho, seu ímã; a corda da salvação foi lançada a todos. Cabe a nós agarrá-la.”

.....

“E esse homem mau, ou antes, essa alma-demônio, cujos olhos, ao contato do ar puro, começaram a abrir-se, vai chorando seu crime e pedindo sofrimento para o expiar. Se é privado de auxílio, que fará?”

“Um anjo de caridade aproxima-se e lhe diz: *Irmão transviado*, entra comigo na vida: lá está o inferno, o lugar de sofrimentos, onde cada um de nós se regenera. Vem, eu te sustentarei. Tratemos de ali fazer um pouco de bem, a fim de que, para ti, a balança do bem e do mal acabe por pender para o lado bom.

“É assim, Siamora, que para todos os homens chega o momento de morrer. Vejo-os mais ou menos se elevando nos céus,

entrar na vida, sofrer novamente, depurar-se, morrer ainda e subir incessantemente nos mais elevados espaços celestes. Ainda não alcançam o céu do Deus único, mas por meio de longas peregrinações através de outros mundos, muito mais maravilhosos e aperfeiçoados que este, à força de se depurar, chegarão a possuí-lo.”

Ditados Espontâneos

O GÊNIO DAS FLORES

(Sessão de 23 de dezembro de 1859 – Mèdium: Sra. de Boyer)

Sou Hettani, um dos Espíritos que presidem à formação das flores, à diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou melhor, somos nós, porquanto somos milhares de Espíritos, que ornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto pelas flores. Não poderíamos ensinar-lhe a mutilação que por vezes protagoniza; mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a embelezar suas formas, já tão graciosas. Entretanto, é principalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se volta toda a nossa atenção; a elas prodigalizamos mais cuidados ainda: são nossas preferidas. Como tudo quanto é só tem maior necessidade de auxílio, eis porque delas cuidamos melhor.

Também somos encarregados de espalhar os perfumes. Somos nós que levamos ao exilado uma lembrança de seu país, fazendo entrar em sua prisão o perfume das flores que ornavam o jardim paterno. Àquele que ama, e ama realmente, levamos o perfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma lembrança dos que se foram, fazendo desabrochar em seus túmulos as rosas e violetas que lembram as suas virtudes.

Qual de vós não nos deve essas suaves emoções? Quem não estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais

perplexos, penso, ouvindo-nos dizer que há Espíritos para tudo isso e, no entanto, é a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez jamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns já foram homens, mas poucos entre os Espíritos dos elementos. Nossa missão, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vós, mas é principalmente nesses planetas superiores que somos felizes. Em Júpiter nossas flores reproduzem sons melodiosos e formamos as moradas aéreas, das quais somente os ninhos de colibris vos podem dar uma pálida idéia. Pela primeira vez far-vos-ei a descrição de algumas dessas flores, não apenas magníficas, mas sublimes e dignas dos elevados Espíritos, aos quais servem de morada.

Adeus. Que um perfume de caridade vos anime. As próprias virtudes têm seu perfume.

PERGUNTAS SOBRE O GÊNIO DAS FLORES

(Sociedade, 30 de dezembro de 1859 – Médium: Sr. Roze)

1. [A São Luís] Outro dia tivemos uma comunicação espontânea de um Espírito que disse presidir às flores e seus perfumes; haverá de fato Espíritos que podemos considerar como gênios das flores?

Resp. – Esta expressão é poética e se aplica bem ao assunto. Mas a bem dizer, seria defeituosa. Não deveis duvidar de que o Espírito preside, por toda a Criação, ao trabalho que Deus lhe confia. É assim que deve ser entendida essa comunicação.

2. Esse Espírito diz chamar-se *Hettani*. Como poderá ter um nome, se jamais encarnou?

Resp. – É uma ficção. O Espírito não preside, de maneira particular, à formação das flores. Antes de passar pela série animal, o Espírito elementar dirige sua ação fluídica para a criação dos vegetais. Este ainda não encarnou e somente age sob a direção de inteligências mais elevadas, que já viveram o bastante para

adquirir a ciência necessária à sua missão. Foi um desses que se comunicou. Ele vos fez uma mistura poética da ação de duas classes de Espíritos que atuam na criação vegetal.

3. Não tendo ainda vivido, mesmo na vida animal, como esse Espírito pode ser tão poético?

Resp. – Relede.

Observação – Vide a observação feita após a pergunta 24.

4. Assim, o Espírito que se comunicou não é o que habita e anima a flor?

Resp. – Não, não. Já vo-lo disse muito claramente: ele guia.

5. Esse Espírito que nos falou esteve encarnado?

Resp. – Esteve.

6. O Espírito que dá a vida às plantas e às flores tem um pensamento, a inteligência do seu *eu*?

Resp. – Nenhum pensamento, nenhum instinto.

FELICIDADE

(Sociedade, 10 de fevereiro de 1860 – Médium: Srta. Eugénie)

Qual é o objetivo de cada indivíduo na Terra? Quer a felicidade a qualquer preço. O que é que faz que cada um siga uma rota diferente? É que cada um de nós espera encontrá-la num lugar ou numa coisa que lhe agrada particularmente: uns buscam a glória, outros, as riquezas, outros ainda, as honrarias. O maior número corre atrás da fortuna, pois atualmente é o meio mais poderoso de chegar a tudo. A tudo ela serve de pedestal. Mas quantos vêm realizada essa necessidade de felicidade? Muito poucos. Perguntai a cada um dos que chegam se alcançou o objetivo a que se propunha; se são felizes. Todos responderão: ainda não; porque todos os

desejos aumentam na proporção daqueles que são satisfeitos. Se hoje há tanta gente que quer interessar-se pelo Espiritismo, é porque, depois de ver que tudo é quimera e, mesmo assim, querendo alcançá-la, experimentam o Espiritismo, como tentaram a riqueza e a glória.

Se Deus pôs nos corações essa necessidade tão grande de felicidade, é que ela deve existir em algum lugar. Sim, tende confiança nele, mas saibei que tudo quanto Deus promete deve ser divino como ele, e que a felicidade que buscais não pode ser material.

Vinde a nós, todos vós que sofreis; vinde a nós, todos vós que necessitais de esperança, porque, quando na Terra tudo vos faltar, nós aqui teremos mais do que solicitam as vossas necessidades. Mães desesperadas, que vos lamentais sobre um túmulo, vinde aqui: o anjo que pranteais vos falará, vos protegerá, vos inspirará a resignação às penas que suportastes na Terra. Todos vós que tendes insaciável necessidade da Ciência, dirigi-vos a nós, porquanto somente nós podemos dar ao vosso Espírito o alimento necessário. Vinde: saberemos achar um alívio para cada ferida e, por mais abandonados pareçais, há Espíritos que vos amam e estão prontos a vo-lo provar. Falo em nome de todos. Desejo que venhais pedir-nos conselhos, pois estou certa de que voltareis com a esperança no coração.

Staël

Nota – Um instante depois, o Espírito escreveu de novo, espontaneamente:

Muitas vezes o sorriso vem aos lábios de certos ouvintes; e, se escapa aos médiuns, não escapa aos Espíritos. Mas não temais; são os que mais sorriram que mais acreditarão depois, e nós vos perdoamos, porque um dia podereis vos arrepender de

vossa ironia. Estou convicta de que, senhoras, se perto de cada uma de vós se achegasse um ser perdido que tivésseis amado, a recordar-vos uma lembrança, trocaríeis vosso sorriso de incredulidade por um suspiro e ficaríeis felizes ou ansiosas. Ficai tranqüilas, vosso dia chegará e sereis tocadas pelo coração, porque, como bem o sei, é a vossa corda mais sensível.

Stäel

À VENDA

O Livro dos Espíritos

Segunda edição

INTEIRAMENTE REFUNDIDA E
CONSIDERAVELMENTE AUMENTADA

AVISO SOBRE ESTA NOVA EDIÇÃO

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Devia compor-se de todas as questões que ali não puderam entrar, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam originar. Mas como todas se referem a alguma das partes já tratadas, e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não teria apresentado nenhuma continuidade. Preferimos aguardar a reimpressão do livro para incorporar todo o conjunto, e aproveitamos para dar à distribuição das matérias uma ordem muito mais metódica, suprimindo ao mesmo tempo tudo quanto tivesse duplo sentido. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como obra nova, embora não tenham os princípios sofrido nenhuma alteração, salvo pouquíssimas exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Esta conformidade com os princípios emitidos, malgrado a diversidade das fontes em que foram hauridos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Prova nossa própria correspondência que comunicações em tudo idênticas, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas

em diferentes localidades, e isso muito antes da publicação do nosso livro, o que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. Por seu lado, a História atesta que a maioria desses princípios tem sido professada pelos homens mais eminentes, dos tempos antigos e modernos, assim trazendo a sua sanção.

Aos Leitores da Revista

CARTAS NÃO ASSINADAS

Algumas vezes recebemos cartas que trazem como única subscrição: *Um dos vossos assinantes, um dos vossos leitores, um dos vossos adeptos, etc.*, sem outra designação. A maioria dessas cartas contém relatos de fatos, comunicações espíritas, perguntas pedindo resposta ou, ainda, solicitando a evocação de certas pessoas. Julgamos dever prevenir nossos leitores, assinantes ou não, que toda carta não autenticada será considerada não recebida; assim, não lhe daremos nenhuma atenção. Em nossos relatórios usamos de grande reserva quanto à publicação de nomes próprios, porque compreendemos a necessidade de certas posições, razão por que não citamos senão aqueles que nos autorizam. Outro, porém, é o critério a respeito das comunicações que nos fazem: tudo quanto não é assinado é refugado, até mesmo sem ser lido, pois nossos trabalhos se multiplicaram de tal forma que não nos permitem ocupar-nos com aquilo que não tenha um caráter sério.

Allan Kardec

